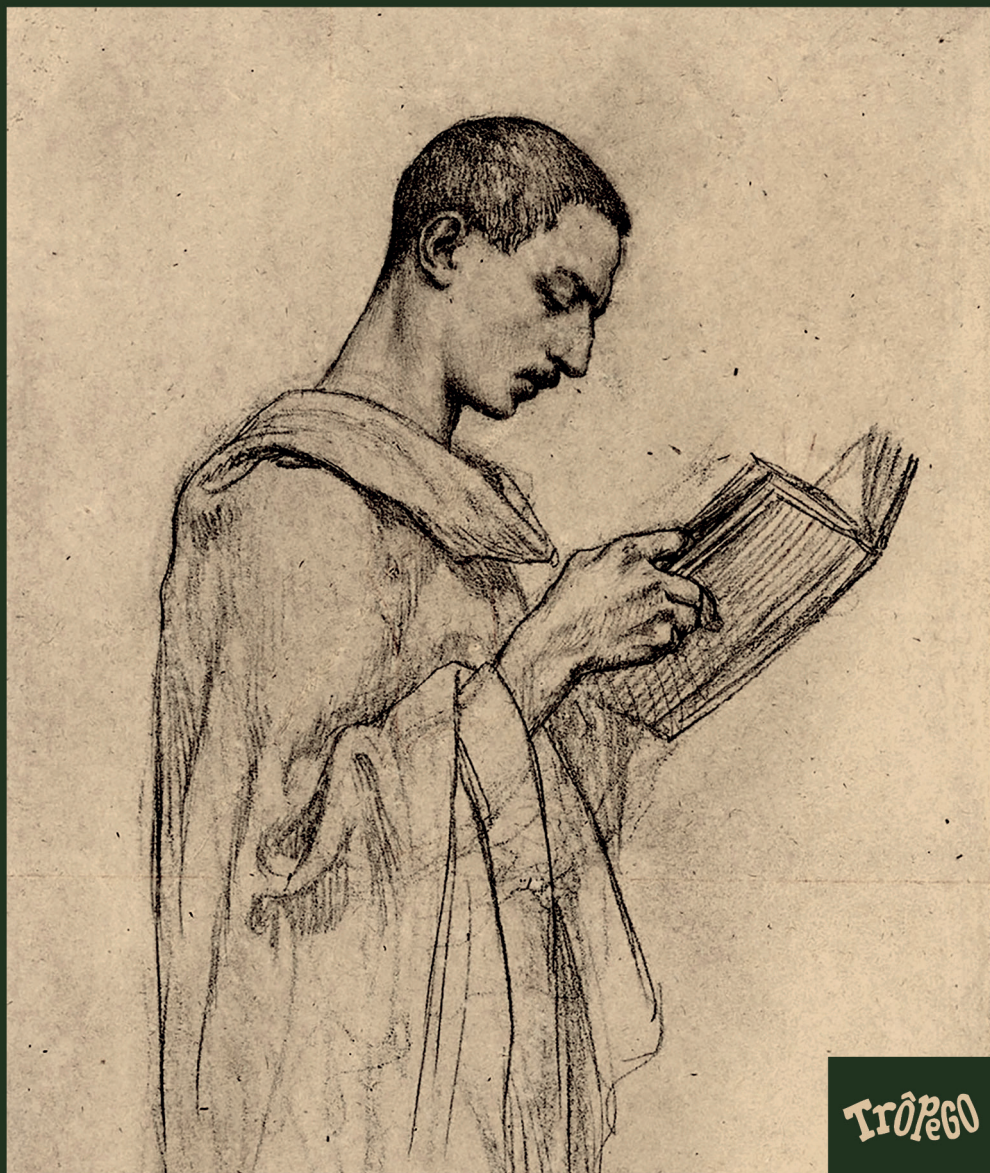


EDUARDO CAZON

DESIGNER DE LIVROS



Trôpego

Entre as múltiplas atividades de uma publicação, uma tarefa muito importante é encontrar alguém que dê conta de diagramar o livro com velocidade, qualidade e paciência para aplicar as revisões.

Bacharel em Design pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com projeto de conclusão de curso em *type design* voltado para o design editorial. Eduardo Cazon trabalha exclusivamente com livros desde 2017, tendo mais de 100 miolos e 200 capas publicadas. É editor, diretor, autor e designer da *Série Pesquisa em Tipografia*, premiada pela 14ª Bienal Brasileira de Design em 2024.

Um designer que valoriza o conteúdo das obras, que estuda e tem experiência no mercado editorial. Alguém qualificado para diagramar o(s) seu(s) livro(s).

- » Responde rápido a e-mails e mensagens de WhatsApp.
- » Boa comunicação, sempre educado e prestativo.
- » Atencioso durante todas as etapas da publicação.
- » Trabalha com os padrões exigidos pelas gráficas.
- » Faz entregas organizadas e dentro do prazo.

EDUARDO CAZON

DESIGNER DE LIVROS

TrôpeGO

Laguna

2026

Trôpego
Designer de livros
© Eduardo Cazon

EDITOR E DESIGNER

Eduardo Cazon

ASSISTENTE EDITORIAL

Samantha Alflen

IMAGEM DA CAPA

Gustave Boulanger

Eduardo Cazon

(48) 98438-0949

eduardo@tropego.com

[instagram.com/du.cazon](https://www.instagram.com/du.cazon)

www.tropego.com

Dedico este portf3lio a quem trabalha no mercado editorial brasileiro. Valorizo seu esfor3o e compartilho do prazer de insistir na leitura como ferramenta de transforma33o social.

“A leitura do mundo precede a leitura da palavra.”

Paulo Freire

Sumário

Serviços, 8
Currículo, 9
Série Pesquisa em Tipografia, 10
Coleção Ponto Final, 16
Genocídio na Guatemala, 18
Sepultura de palavras para os desaparecidos, 19
Biopolítica, educação e segurança pública, 20
Cores e contornos, 21
Antonio Nóbrega em paisagens(pós) armoriais, 22
Lembrança do presente, 23
A viagem de Nyota, 24
Loreto liberto, 25
Estudo de caso, 26
Por labirintos e torres, 27
Vida, tudo sonho, 28
Boa noite, seu Tavares, 29
Depoimentos, 30

Serviços

Procurando alguém para diagramar seu livro? Se você precisa de um designer que faça entregas com qualidade e não quer contratar alguém inexperiente. Eu posso te ajudar. Sou um designer que conheço as etapas de publicação e domino as ferramentas necessárias para realizar os trabalhos.

MIOLO

Faço a diagramação de livros, sejam eles acadêmicos, de poesia, crônicas, romance, diários etc. Trabalho com projetos clássicos ou especiais. Sempre presando pela legibilidade e viabilidade econômica.

CAPA

Crio capas de acordo com as suas orientações e com o tom de voz da obra em questão. Podemos trabalhar com letreiros, fotos, pinturas ou colagens. O que for melhor para o projeto.

PROJETO GRÁFICO

Crio projetos gráficos levando em conta as necessidades editoriais de cada publicação. Aqui o refinamento pode ser de diversas formas. Ajusto as aberturas de capítulos, tamanho da fonte, configuro uma boa mancha de texto para atingir o número de páginas ideal e por aí vai.

EDIÇÃO

Cuido da publicação por completo! Leitura crítica, preparação do original, revisão de texto, projeto gráfico, diagramação do miolo, criação da capa e produção gráfica. O que precisar de fornecedores e prestadores de serviço, eu posso fazer a ponte.

Currículo

- 2025:** Texto “Sotaque fraco” é semifinalista do 5º Microconto de Ouro da Casa Brasileira de Livros e selecionado no 15º Concurso de Microcontos de Humor de Piracicaba.
- 2024:** *Série Pesquisa em Tipografia* selecionada para 14ª Bienal Brasileira de Design, na categoria Publicações sobre Design Gráfico.
- 2023:** Publicação do livro *Tipografia e Política*, pela Editora Insular, em Florianópolis.
- 2022:** Diretor da *Série Pesquisa em Tipografia*, da Editora Insular, em Florianópolis.
- 2021:** Fala no evento internacional de tipografia TypeWKND, com a fala *Relações entre tipografia e política na perspectiva de um jovem brasileiro*. Evento online.
Bacharel em Design pela UFSC, com o projeto de conclusão de curso *Inimiga do rei: Tipografia para textos contrários à opressão*.
- 2020:** Participação no II Colóquio de pesquisa e design: De(s)colonizando o design, com os resumos das pesquisas *Tipografia insurgente* e *Dialogando Design, Teatro, Anarquismo, e Pedagogia através de Zine e Colagem*. Evento online organizado na UFC, em Fortaleza.
- 2018:** Participação no *Grupo Organizado de Teatro Aguacero*, em Florianópolis, atuando em apresentações de peça, realização de oficinas, produção de zine, audiodiálogo e curta-metragem.
- 2017:** Estágio na Imprensa Universitária da UFSC, em Florianópolis.
- 2011:** Participação na exposição *A arte é pop*, no campus da UNIMEP Taquaral, em Piracicaba.
- 2010:** Menção honrosa no 8º Salãozinho de Humor de Piracicaba, no Engenho Central, em Piracicaba.

Série Pesquisa em Tipografia



A Série foi selecionada para a 14ª Bienal Brasileira de Design, na categoria de Publicações sobre Design Gráfico. Com projetos únicos e temas de extrema importância para a tipografia nacional, a Série Pesquisa em Tipografia é fruto de muito esforço e criatividade. Os livros unem a pesquisa acadêmica em tipografia com a aplicação profissional das fontes no contexto editorial, de forma que cada obra ilustra o tema de pesquisa em sua forma visual. Além dessa coerência entre forma e conteúdo nas publicações, a produção gráfica foi pensada para baratear os livros de design. Este projeto valoriza o conhecimento científico produzido pelas pesquisadoras, as fontes feitas por profissionais da América Latina e a capacidade da organização visual do texto de potencializar o conteúdo e assimilação dos textos pelos leitores.

A Editora Insular é referência em livros sobre jornalismo e América Latina. Depois de anos trabalhando juntos, fui convidado para ser editor e diretor de uma série de livros sobre tipografia, cujo objetivo é introduzir a Insular nas publicações de design, valorizando o conhecimento sobre tipografia e publicando livros a um preço acessível para designers, estudantes e professores.

Uma preciosidade desse projeto é a centralização de diferentes papéis pelo designer, pois coloca alguém do público-alvo para escolher as pesquisas a serem publicadas. Dessa forma, se misturam o diretor que pesquisa, o editor que publica, o designer que cria e o leitor que lê. O desafio foi criar um projeto gráfico para o público de designers estando limitado ao sistema de impressão sob demanda.

A proposta é divulgar pesquisas brasileiras em tipografia através de livros com preços acessíveis. Cada volume é diagramado de acordo com a teoria do próprio livro. Bem como, todos os textos são adaptados para uma linguagem mais fluida, removendo formatações acadêmica sem perder o rigor científico.

Aproveitando minha formação acadêmica, propus a publicação de pesquisas que tive contato durante a graduação. Junto com a experiência de trabalho, propus um projeto gráfico condizente com os temas das pesquisas e economicamente viável. Para ter um projeto compatível com a impressão sob demanda, criei uma identidade visual baseada na tipografia, unindo o conteúdo verbal dos textos com a forma visual dos livros.

A partir da integração da função de diretor e editor pelo designer da coleção, foi possível que uma editora independente entrasse para o nicho de livros de design com projetos especiais, pesquisas inovadoras e preços competitivos.

No livro *Seleção tipográfica*, escolhi apresentar diferentes estilos tipográficos para o público experimentar como a seleção tipográfica influencia na experiência de leitura. Para isso, apliquei o método proposto pela autora na escolha de uma fonte de cada estilo para cada capítulo.



Propomos que dentro deste livro as letras sejam vistas, além de serem lidas. Para que se experimente diversos sabores tipográficos, cada parte do texto foi composto em uma fonte diferente, então permitam-se observar os detalhes das formas. O processo de seleção tipográfica do livro está descrito em detalhes na página 85.

Elementos pré-textuais, Prefácio e Introdução foram compostos em nê Type One, notdef type.
Capítulo 1 foi composto em Bommer Slab, dooType.
Capítulo 2 foi composto em Silva Text, Blackletter.
Capítulo 3 foi composto em Garibaldi, Harbor Type.
Capítulo 4 foi composto em Lembra, Fabio Haag.
Conclusão foi composto em Montserrat, Julietta Ulanovsky.
Elementos de apoio e pé-textuais foram compostos em Asap Condensed, Omnibus-Type.

Sumário

13 Prefácio
Henrique Nardi

INTRODUÇÃO

15 A relevância e a complexidade da seleção tipográfica para o design da informação

CAPÍTULO 1

21 Terminologia, anatomia e classificação tipográfica

24 Termos fundamentais e anatomia tipográfica

30 Classificação tipográfica

CAPÍTULO 2

35 Critérios de seleção tipográfica

36 Fatores formais e funcionais

47 Fatores conceituais

53 Fatores técnicos

57 Fatores legais e econômicos

60 Aplicando os critérios no processo de seleção tipográfica

CAPÍTULO 3

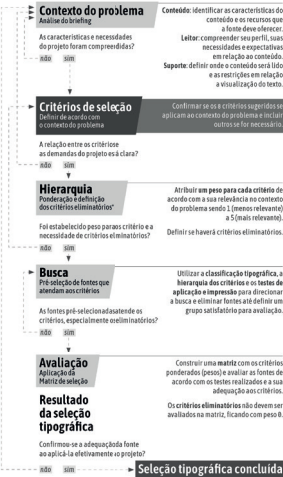
63 Compreendendo as etapas e realizando a seleção tipográfica

63 Sobre a complexidade da seleção tipográfica

70 A definição de um modelo de seleção com etapas e critérios

80 Sugestões e exemplos sobre o uso do modelo de seleção tipográfica

Figura 21
Modelo
expandido
e integrado
ao quadro
sistêmico
dos critérios
do autor



Fatores FORMAIS E FUNCIONAIS	
LEGIBILIDADE	VARIAÇÕES E RECURSOS
A fonte é legível para o público-alvo nas condições (tamanho e volume de texto) que será usada no projeto?	A fonte faz parte de uma família tipográfica com as variações e recursos necessários para atender às demandas do conteúdo?
Proporções: altura e, acidentantes e descendentes, espaço interno.	Variações: postura, largura e peso.
Métricas: espaçamentos kerning.	Recursos tipográficos: porais e específicos.
Mancha tipográfica: peso contrastante do traço.	Capacidade: homogeneidade entre as variações.
Fatores CONCEITUAIS	
ASPECTOS HISTÓRICOS E CULTURAIS	ESTÉTICA
A fonte faz referência a um contexto histórico ou cultural específico?	A fonte expressa graficamente atributos de personalidade estabelecendo uma relação emocional ou simbólica com o tema?
Referências culturais: relação simbólica.	Desenho dos caracteres: percepção formal.
Estilo: classificação tipográfica.	Conteúdo do projeto: em relação ao público e a empresa.
Contexto histórico: fatos relevantes relacionados.	
Fatores TÉCNICOS	
QUALIDADE	SUPORTE
A fonte mantém a unidade de estilo e desenho entre os caracteres, além do ajuste entre eles realizado em diferentes tamanhos?	A fonte apresenta boa renderização nos suportes onde será usada?
Desenho dos caracteres: diferenciação e unidade entre os caracteres.	Renderização: hinting, dispositivos e impressões.
Métricas: espaçamentos kerning.	Desenho dos caracteres: adequação ao suporte.
Detalhes: em diferentes tamanhos.	Diversidade de suportes: o quanto a fonte precisará ser versátil para se adaptar.
Fatores LEGAIS E ECONÔMICOS	
LICENCIAMENTO	INVESTIMENTO
A fonte possui condições de licenciamento adequadas à necessidade do projeto?	A fonte é comercializada por um custo compatível com o orçamento do projeto?
Público: desde conteúdo "B2B",	Licenças necessárias: número de máquinas onde será instalada.
Necessidades do projeto: sustentação da fonte, fornecedores com acesso ao arquivo e licença web.	Custo por licença de acordo com o uso (web, desktop ou app).

Em *Tipografia e política*, apliquei na composição do livro a fonte Inimiga do rei, criada através de uma pesquisa sobre a forma das letras e opressões sociais na tipografia. A diagramação alinhada a esquerda com

uma fonte sem serifa humanista dialoga com a proposta do livro de não tomar os padrões clássicos do design europeu como única referência e possibilidade de estética para o design latino contemporâneo.



Politizar o olhar tipográfico

A fonte Ayotznapa foi feita como uma campanha de solidariedade para as famílias que tiveram seus filhos e filhas sequestrados e assassinados por narcotraficantes e agentes do Estado no México. Processo Sans e Uruguay 1976 foram feitas para que nós, latinos, não nos esqueçamos dos milhares de assassinatos que militares cometeram nas ditaduras latino-americanas, fortemente influenciadas pelos Estados Unidos da América. Assim como outras tipografias citadas anteriormente, que prezam pela vida de mulheres, negros e árabes, essas fontes são produções gráficas que nos ajudam a acessar um outro contexto, seja de outro tempo, outro espaço ou outras identidades.

As pessoas que fizeram esses projetos reconhecem a potência que as tipografias têm dentro de seus contextos. Esses profissionais foram extremamente responsáveis e cuidadosos ao lidar com temas brutais da realidade, como terrorismo de Estado, machismo e racismo. Valorizar a atuação profissional politicamente engajada, reconhecendo essas fontes como produtos culturais de revoltas, pode ser útil para termos mais pessoas engajadas no combate às opressões.

Alguns personagens históricos da tipografia e do design gráfico trabalharam para os grandes opressores de seu tempo, seja a nobreza, a burguesia ou as multinacionais. Essas pessoas trabalharam qualificando a comunicação dos opressores, contribuindo para a transmissão de valores autoritários na sociedade.

Politizar o olhar tipográfico é buscar ter consciência de quais são os valores que estamos reproduzindo com nossa prática profissional. A estética dos colonizadores foi produzida, reproduzida e adquiriu status justamente por estar de acordo com a ética dos colonizadores.

56

Pesquisa sobre dominação
Dois princípios da cultura libertária, propostos por Felipe Correa no livro *Bandeira Negra* (2015), foram adaptados e serviram de base para o projeto.

1. Crítica da dominação

Dominação é uma forma autoritária de relação entre sujeitos de uma sociedade onde alguns determinam aquilo que diz respeito a outros. Ela acontece na relação de mando-obediência e na alienação do sujeito, produzindo espoliação para quem é dominado.

2. Defesa da autogestão

A autogestão é uma forma de poder que evita a tirania de alguns sobre o coletivo, onde o poder de decisão está diretamente ligado às pessoas que serão afetadas pela decisão. Desse modo podemos substituir um sistema de dominação, por um sistema autogestionário, tendo assim uma sociedade justa, igualitária e livre.

Análise histórica
Para enxergar a inserção da tipografia no universo social, realizei uma análise observando aspectos funcionais-objetivos, funcionais-subjetivos, morfológicos e o contexto de produção dos principais estilos tipográficos e algumas fontes renomadas.

Analisando essas fontes conclui que o estilo humanista tem omissão com a área de tradição e conservadorismo das serifas, sendo facilmente identificadas como "novo". Ele também transmite maior sensação de movimento e presença da mão humana.

Análise de tipografias políticas
As fontes encontradas passam por vários estilos, desde tipografias com serifa slab e dingbats, mas todas elas compartilham valores da cultura autogestionária.

A maior parte delas são fontes display, para cartazes, faixas de protestos e remetem à mão humana. Elas foram produzidas por mulheres, pessoas negras, LGBTQIA+ e latinos, sendo alguns projetos realizados no sul global e distribuídas gratuitamente.

Inimiga do rei n/4 pt

Inimiga do rei

O nome *Inimiga do rei* conecta a história da tipografia com a história das lutas sociais no Brasil.

Romana do Rei

O rei Luís XIV, da França, encomendou em 1692 uma tipografia para ser utilizada exclusivamente pela imprensa real. A fonte foi feita usando grifos, retas e curvas geométricas, resultando em uma construção racional e com contrastes elevados. Como afirma Robert Bringhurst, em *Elementos do estilo tipográfico*:

Elas são produto da era racionalista: formas frequentemente belas e calmas, mas indiferentes à beleza mais complexa do fato original.

A fonte *Inimiga do rei* é o oposto da Romana do rei, possuindo construção caligráfica, contraste moderado, terminais agudos e livre para qualquer pessoa usar, estudar, modificar e redistribuir cópias exatas ou alteradas.

Inimiga do Rei

O jornal não era dedicado apenas ao anarcosindicalismo. Era também o porta-voz de vários movimentos sociais que não encontravam espaço na grande imprensa e nem mesmo na imprensa alternativa, como os usuários de drogas, os homossexuais, os movimentos negros e feministas mais radicais, os ateus militantes, os ativistas da luta antinuclear, ambientalistas e tantos outros que tiveram seus temas abordados no jornal, o que lhe deu repercussão não só no Brasil como nos EUA, Portugal, Espanha, Suíça, Suécia, Itália, Austrália, Alemanha, Argentina, entre outros países com os quais os editores acabaram mantendo contato.¹

¹ Como todo software livre.

² Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Inimiga_do_Rei. Acesso em 10 de abril de 2021.

No livro *Tipografia e significado*, apliquei o método de seleção tipográfica do primeiro livro buscando fontes expressivas, pois o tema da pesquisa versa sobre as possibilidades semânticas das fontes de texto e usamos um tamanho de corpo generoso o leitor *enxergar* as letras.



Sumário

13 Introdução

CAPÍTULO 1

19 Tipografia: limites da pesquisa

- 19 Terminologia tipográfica
- 20 A fonte de texto
- 32 A produção brasileira de fontes de texto

CAPÍTULO 2

40 O projeto tipográfico

- 45 Os tipos de projeto de fontes de texto
- 49 Os aspectos objetivos do desenho do tipo
- 52 Os aspectos subjetivos do desenho do tipo
- 55 Pesquisas sobre tipografia e significado
- 63 Processos e métodos para o projeto de fontes

CAPÍTULO 3

As possibilidades semânticas das fontes de texto

- 71 A estrutura da pesquisa de campo
- 81 A exploração das possibilidades semânticas das fontes de texto pelo designer de tipos
- 90 A diferenciação das fontes de texto pelos usuários especialistas e não especialistas
- 115 A percepção das possibilidades semânticas das fontes de texto pelos usuários

133 Considerações finais

137 Bibliografia

ter acesso. Portanto, é importante que os desenhos dos seus caracteres equilibrem o esqueleto básico que torna cada um dos caracteres identificáveis e as inovações formais que constituíram a identidade formal da fonte.

A partir dos questionários aplicados na pesquisa, identifiquei que os leitores percebem as diferenças formais entre as fontes de texto, sejam elas com ou sem serifa. Também foi possível constatar que os leitores atribuem conceitos subjetivos específicos às fontes de texto, a partir dos três contextos de uso testados: em manchas textuais, na composição do alfabeto e a partir da visualização individual dos caracteres n, o, e e g. Portanto, os resultados do estudo indicam que é possível considerar a dimensão semântica das fontes de texto em situações de projeto e de seleção tipográfica.

Ainda que tenham sido identificadas algumas tendências de associação entre características formais e características subjetivas, a pesquisa não objetivou a produção de um guia de fontes e de seus respectivos significados. A partir dos dados coletados, foi possível estabelecer proposições de conexão entre determinados parâmetros tipográficos e determinados conceitos subjetivos, a exemplo da característica “informal” – atribuída, apenas, à única fonte com serifa gótica utilizada no questionário.

Ainda assim, é preciso entender que o desenho tipográfico é composto por uma série de atributos formais, e que, ao alterar algum dos seus parâmetros, a interpretação conceitual também pode ser alterada. Para além dos aspectos intrínsecos ao desenho das fontes – que constituiriam o foco deste estudo –, é preciso considerar que os aspectos extrínsecos também influenciaram na interpretação das possibilidades semânticas. Até mesmo o conteúdo do texto composto com uma determinada fonte é capaz de interferir na sua interpretação conceitual.

Dessa forma, a principal expectativa deste livro foi fomentar em você, leitor, reflexões sobre a tipografia enquanto

um meio para a exploração conceitual, tais como os demais elementos que constituem a linguagem visual gráfica. Neste sentido, espero que a pesquisa tenha estimulado a curiosidade, para que você construa o seu repertório de associações de características formais tipográficas a diversos conceitos subjetivos, e não apenas aos abordados aqui. Sugiro que utilize as informações apresentadas por este estudo como ponto de partida para suas próprias elaborações acerca das possibilidades semânticas das fontes de texto, e que considere sua dimensão semântica em seus próximos projetos que envolvam o design de tipos ou a seleção tipográfica.

Por fim, destaco mais uma vez o quanto o mercado brasileiro de design de tipos se ampliou nas últimas décadas. É possível observar um crescimento na produção de fontes de texto customizadas para o mercado brasileiro: aqui, viabilizo um espaço para a associação das discussões fomentadas nesta pesquisa com o projeto tipográfico. Muitas vezes, as fontes projetadas sob encomenda para marcas possuem condições de uso que possibilitam ao designer de tipos um maior espaço para inovações formais – e, consequentemente, oportunidades para a exploração das suas possibilidades semânticas.

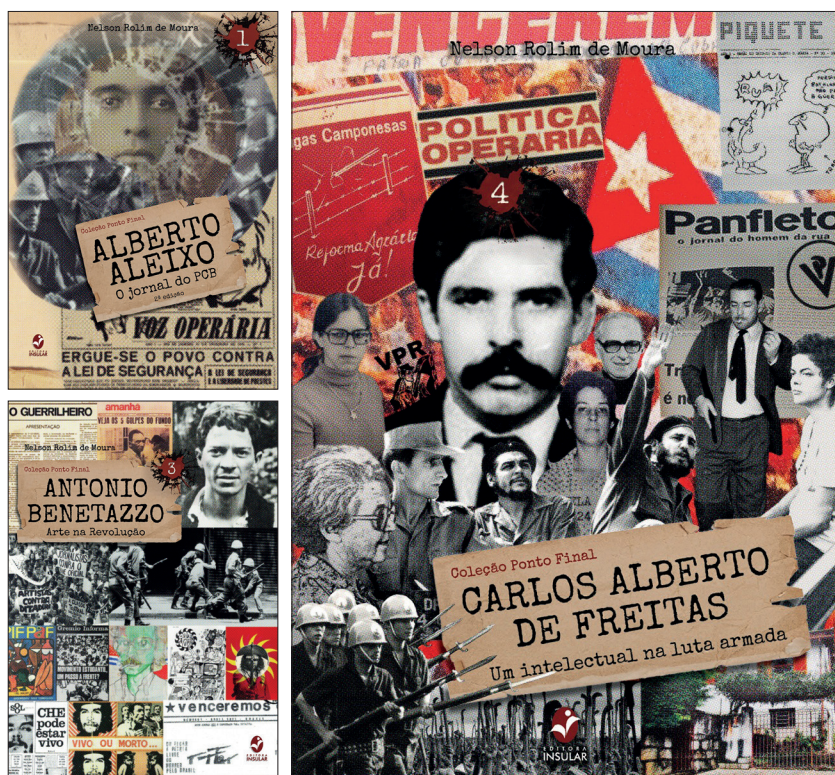
A discussão sobre a equalização dos aspectos objetivos e subjetivos do desenho tipográfico é fundamental para o processo de formação e para a atuação dos designers de tipos e dos designers gráficos. Espero que os dados apresentados neste livro estimulem novas pesquisas em tipografia e apontem caminhos para futuros estudos sobre as possibilidades semânticas das fontes de texto.

Publicado em março de 2025, o livro *Fontes Variáveis* tem seu projeto gráfico baseado nos eixos das fontes variáveis e aplica as fontes June em títulos e Vinila no corpo de texto, ambas variáveis. Explorando a horizontalidade, aspecto fundamental na experiência de uso dos eixos, o livro tem formato aberto horizontal e fios como elemento gráfico. No corpo do texto, a fonte sem serifa aproxima o mesmo das interfaces digitais, e os eixos de peso e largura criam hierarquia tipográfica e ajudam no controle de linhas órfãs e viúvas.

Capa: Maira Woloszyn 	Sumário PRÉLUDIO Letras que dançam, 7 INTRODUÇÃO Tipografia, tecnologia e processos de design, 13 CAPÍTULO 1 A prática do design de tipos, 17 Evolução de processos analógicos do design de tipos, 20 A influência das tecnologias digitais no design de tipos, 25 Considerações sobre o processo de design de tipos, 28 CAPÍTULO 2 Fontes variáveis, 35 Propriedades e características, 35 Potencialidades em mídias digitais, 43 A percepção dos designers de tipos, 49 CAPÍTULO 3 Design de fontes variáveis, 57 Variable Fontwork: um framework para o processo de design de fontes variáveis, 58 CAPÍTULO 4 Considerações finais, 79 Referências bibliográficas, 81
onde são feitos ajustes de kerning¹² e hinting¹³ e gerado o arquivo final da fonte. Também foi mencionado pelos profissionais possíveis testes que ocorrem durante esses momentos em relação ao desenho da fonte no próprio software de criação e no funcionamento do arquivo final em sistemas operacionais. 12. Kerning se refere ao ajuste de espaçamento entre pares de letras. 13. Hinting são informações contidas nas fontes que orientam a renderização de textos na tela com o objetivo de manter a qualidade tipográfica. 34	CAPÍTULO 2 Fontes variáveis As fontes variáveis foram lançadas com o objetivo de proporcionar mais flexibilidade aos tipos a partir de uma colaboração entre as empresas Google, Adobe, Apple e Microsoft no ano de 2016. Elas possibilitam o ajuste de diversos atributos do desenho das letras, oferecendo níveis elevados de personalização dos tipos aos seus usuários. Além das inúmeras variações oferecidas pelas fontes variáveis, elas ainda proporcionam arquivos mais compactos e controle dinâmico sobre aspectos visuais de textos em diferentes contextos. Diante disso, o presente capítulo explora as características das fontes variáveis, demarcando sua contribuição para as mídias digitais, e apresenta a percepção de profissionais e especialistas acerca desse formato. Propriedades e características As fontes variáveis consistem em uma tecnologia em que diferentes larguras, pesos, inclinações e muitas outras variações são incorporadas em um único arquivo. Em uma família de fontes tradicional, ou também chamada de estática, cada variação 35

Coleção Ponto Final

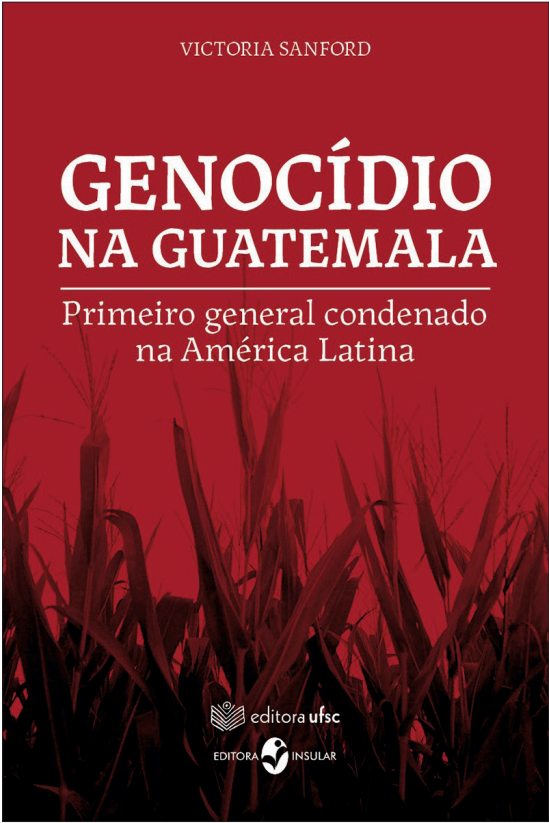
A Coleção traz fatos e perfis histórico-políticos de jornalistas executados pela ditadura militar. Com 5 dos 38 volumes já publicados, o miolo é planejado para uma leitura confortável, com margens bem arejadas e bom tamanho da fonte de texto. As capas tem um projeto gráfico estruturado em um tripé: jornalista assassinado; militares; personalidades e jornais relacionados com a pessoas retratada na obra. Além disso, a capa remete a um arquivo de papeis da ditadura, ambientando o livro na época dos acontecimentos do texto.





Genocídio na Guatemala

Em coedição entre Editora Insular e Editora UFSC, digravei capa e miolo deste livro acadêmico com gráficos e tabelas. Destaque especial para a capa, pois de forma devemos representar um genocídio? Diante desta questão, escolhi enfatizar o milho, por que na cosmologia Maia os seres humanos nasceram do milho e ataque dos militares as plantações dos indígenas foi, além de destruir a fonte de alimento, foi um ataque simbólico.



Prefácio à edição brasileira
Wladimir José Rampinelli e Nelson Robin de Moura

A Revolução de Outubro na Guatemala, comandada inicialmente por uma Junta de Governo e logo depois pelos presidentes eleitos Juan José Arévalo (1945-1951) e Jacobo Arbenz Guzmán (1951-1954), foi um movimento democrático-burguês com um caráter nacionalista e anti-imperialista que buscava superar o atraso secular, pondo fim à dependência histórica à qual havia sido submetido o seu povo.

O início desse período significa mudanças transcendentais para o país, já que a burguesia é chamada a se modernizar e a oligarquia perde hegemonia política e econômica. A democracia representativa passa a se reger pelo equilíbrio dos três poderes, buscando vencer os anos de ditaduras personalistas.

Uma vez promulgada a Constituição da República, em 1955, redigida e aprovada por uma Assembleia Constituinte, da qual participaram representantes de todas as classes sociais, começa o governo de Arévalo a implementar sua estratégia reformista. A nova carta permite a organização popular, concede autonomia à Universidade Nacional, cria o cargo de chefe das Forças Armadas e apresenta avanços nos setores político, econômico, social, cultural. É um período difícil e conturbado, marcado permanentemente pelas ameaças de subversão e por tentativas de golpes de Estado.

No entanto, à medida que o governo, um típico representante da intelectualidade pequeno-burguesa, avança com suas reformas, a coalizão que havia derrubado o ditador general

9

que "se consolidou seu poder rapidamente" e começou "a implementar uma rigorosa ofensiva de contra-insurgência".²⁶

Gráfico 1
Responsabilidade por atos de violência

Grupo	Porcentagem
Desconhecido	45%
ECU	24%
Exército e forças de segurança	31%

Fonte: CHS, 1999.

Gráfico 2
Etnicidade das vítimas da violência

Etnicidade	Porcentagem
Ladinos	74%
Mayas	26%

Fonte: CHS, 1999.

No entanto, o funcionário do Departamento de Estado que escreveu o memorando reconheceu que "Rico Montt não tem uma base de poder forte [...] Gostariamos, portanto, de apoiar Rico Montt no curto prazo".²⁷ Ao mesmo tempo, o documento reconhece "que o Exército continua realizando massacres de civis no campo".²⁸

26. Não identificado. Departamento de Estado dos EUA, 1980. Memorando de Ação Confidencial ao Secretário de Estado. Assunto: Relações EUA e Guatemala. Venda de armas. Não tem mais nada do especificado, mas o texto indica que ele reconheceu a falta de autoridade depois de 14 de novembro de 1980, p. 1.

27. Não identificado. Departamento de Estado dos EUA, 1980, p. 1.

28. Idem, p. 1.

36

Sepultura de palavras para os desaparecidos

Este é um livro reportagem onde a jornalista investiga a relação do Estado mexicano com os narcotraficantes no desaparecimento de jovens estudantes. A reportagem conta com perfis das pessoas entrevistadas, muitas imagens e um caderno de fotos coloridas.



A maioria dos desaparecidos é originária de alguma das 140 comunidades de Chilapa, quase todos são indígenas, mas nem sempre o governo proporciona tradutores para escutá-los e informá-los sobre os seus direitos

220



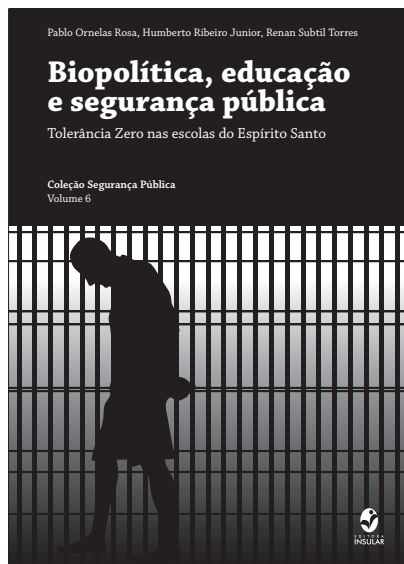
Conheça o perfil de Margarito em Uma família de Igualta na página 113

Contra a maré historicamente consolidada, a reação popular à violência contra os normalistas de Ayotzinapa interrompe o ciclo de indiferença e ultrapassa as fronteiras de Guerrero em 2014: milhões de pessoas se solidarizaram, senão com os estudantes agredidos, com os familiares dos desaparecidos. A violência era brutalmente desproporcional sob todas as perspectivas, até mesmo para quem costumava defender as repressões como um remédio para os desajustados do sistema.

Aos 19 anos, pai de uma menina de três meses, o normalista de Ayotzinapa Julio Cesar Mondragón, foi encontrado na manhã do dia 27 de setembro de 2014, morto, com sinais de impiedosa tortura, em

36

Biopolítica, educação e segurança pública



Livro sobre segurança pública e educação. Cheio dos tradicionais elementos editoriais de textos acadêmicos, como aberturas de capítulos, epígrafes, intertítulos, citações, notas de rodapé, referências bibliográficas.

CAPÍTULO 1 Problematizando o poder em Michel Foucault

Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir.

Michel Foucault

As três fases da analítica de Michel Foucault

Paul Michel Foucault, filho e neto de renomados cirurgiões de mesmo nome, nasceu em Poitiers, uma cidade localizada no centro-oeste da França, às margens do Rio Clain, em 15 de outubro de 1926. Ingressou no Liceu Henri IV¹ antes mesmo dos quatro anos de idade para não se separar de sua irmã mais velha, de nome Francine, e apesar de decepcionar seu pai com a escolha de não seguir a carreira médica, obteve de sua mãe, Anne Malapart, o apoio e incentivo necessários para que ele se engajasse na carreira que desejava. Anne contratou um professor de filosofia – que talvez tenha sido determinante para o direcionamento da carreira de Foucault – de nome Louis Girard, pois Anne seguia com vingança a máxima de seu pai, Dr. Malapart, também cirurgião, que a mais importante lição na vida era “aprender a governar a si mesmo”. No ano de 1946, Michel ingressa na Escola Normal Superior da França², onde conheceu influentes pensadores como Pierre Bourdieu, Jean-Paul Sartre entre outros, além de ter sido aluno de Maurice Merleau-Ponty.

Michel Foucault, considerado rebelde por muitos membros do Liceu, gostava de apelidar colegas e abusar do sarcasmo e ironia, fazendo com que muitos o concebsem como louco³. Ao tentar suicídio – talvez em decorrência de seu desconforto devido à sua condição de homossexual, em tempos quando o preconceito era ainda maior que o hodierno – em 1948, seu pai o direciona ao hospital Saint-Anne, onde foi internado e obteve seu primeiro contato com a psiquiatria, retornando mais tarde à mesma instituição como aluno e posteriormente como professor, fato que seria determinante na produção de suas primeiras obras intituladas: *Doença mental e psicologia*⁴ (1954), publicada aos seus 28 anos de idade, e *História da loucura*⁵ (1963), apresentada como tese de doutoramento pela Sorbonne. No ano de

1. Dados obtidos através dos sites eletrônicos: <http://www.prepp.ufms.br/prepp/grupo-mf/biografia.html> e <https://is.gd/ZEMAG> acessados em 17 de fevereiro de 2018.

2. Tradução livre: Liceu Henri IV.

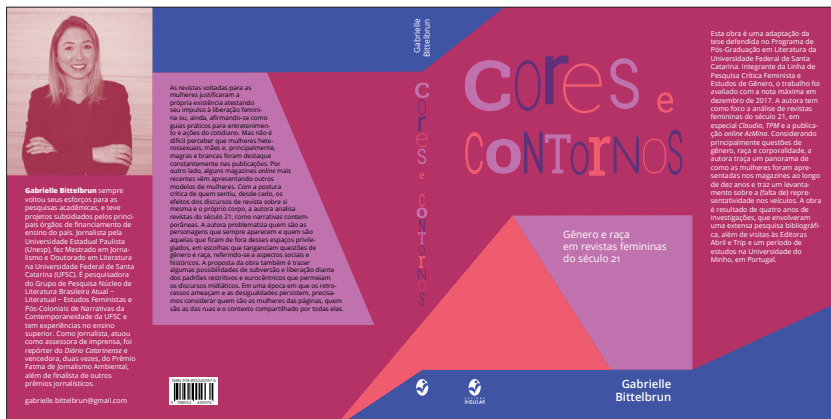
3. Tradução livre: Ecole Normale Supérieure.

4. Dados obtidos através do site eletrônico: <http://www.prepp.ufms.br/prepp/grupo-mf/biografia.html> acessado em 17 de fevereiro de 2018.

5. Tradução livre: *Maladie Mentale et Psychologie*.

6. Tradução livre: *Histoire de la Folie à l'Age Classique*.

Cores e contornos



Uma pesquisa sobre gênero e raça nas revistas femininas do século 21, o livro conta com os elementos de texto padrão de textos acadêmicos, com muitas capas de revista ao longo do texto. Escolhemos um formato alongado e um projeto gráfico mais despojado, com as imagens enterferindo na mancha do texto.



e que não esconde o narrador, como no jornalismo mais convencional. Para Rocha (2007), esse estreitamento da ligação entre leitor e jornalista, sem mediações dos conhecidos especialistas, chega a ser uma forma de ruptura direta do que vinha sendo apresentado no mercado.

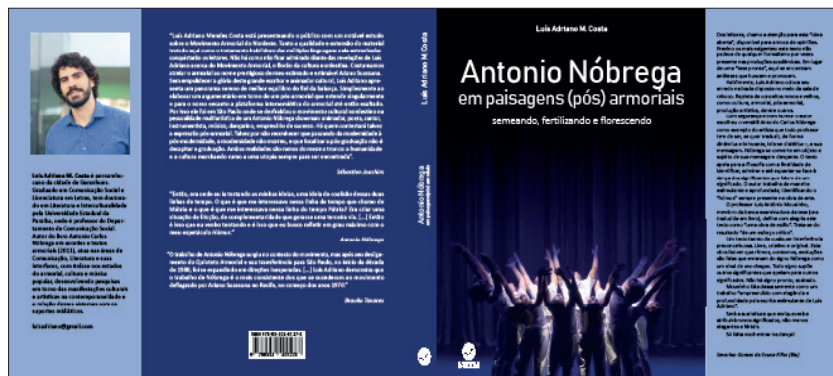
Mas essa proximidade de um "eu" pode até reforçar o caráter imperativo das sugestões e, nesse sentido, a revista atualiza padrões consolidados e mascara seu caráter normativo pela informalidade e simulação de intimidade exacerbada. Portanto, ainda segundo a mencionada pesquisadora, essa explicitação de uma verdade personalizada, autocentrada, parcial e glamorizada pode ter efeitos ainda mais incisivos sobre suas leitoras do que aquele jornalismo tradicional, com seus mecanismos de utilização de diversas fontes

ou uso da terceira pessoa

(Rocha, 2007). Pensando em uma comparação com *Claudia*, que, não raramente, traz textos presuponendo um "nós", os textos de *TPM* podem ter um caráter ainda mais taxativo, afinal, enquanto

Antonio Nóbrega em paisagens (pós) armoriais

Este livro é estudo sobre o Movimento Armorial do Nordeste, com análises sobre danças e espetáculos registrados em fotos.



múltiplo do que seu trabalho expressa na atualidade, sem deixar de lado aspectos referentes ao próprio movimento.

De forma complementar a essa característica é que foi percebido o princípio da *ruptura a-significante*, descrito pela sua capacidade de reconstituição a partir de uma quebra/rompimento, num processo de desterritorialização e reterritorialização constantes, e que aqui foi compreendido a partir do que ficou de armorial no pós-armorial, ou seja, o que permaneceu, refletindo mais uma vez a qualidade movente, um constante devir de uma unidade significativa presente na sua trajetória.

A partir desse percurso é que chegamos aos dois últimos princípios, complementares entre si: o da *cartografia* e o da *decalcomania*. Complementares porque se no princípio da cartografia o rizoma funciona como um mapa, aberto em todas as suas dimensões, apto a sofrer transformações constantemente, numa permanente atualização; a decalcomania pressupõe a possibilidade de decalar o mapa, de fazer uma representação a partir dele, o que não implica falta de originalidade, desde que o ponto de partida seja o mapa e não o decalque. Trazendo para o universo da nossa abordagem, foi perceber em *Hienus* as bases do pensamento armorial, tomadas nesse momento enquanto mapa, e a partir desse pensamento, as referências acessadas por Nóbrega que conferem uma pós-armorialidade, decalque que possibilita avanços no instante em que provoca o surgimento de pontos de tensão diante de um pensamento mais essencialista como se configura o armorial e, como consequência, novas reflexões acerca da atualidade do movimento e da própria trajetória do artista. Seguindo esse pensamento, é conceber o pós-armorial a partir mesmo do armorial, observando assim as descontinuidades dentro de uma lógica rizomática.

Faz-se necessário observar que os princípios do rizoma retomados ao longo do trabalho não estão organizados item por item, até porque eles permeiam constantemente nossas reflexões, promovendo avanços, pausas, associações, apontando caminhos necessários. Tal prática possibilita um exercício amplo de acompanhamento de percursos, verificando aproximações e diferenças, capturando elementos minoritários e possíveis linhas de fuga, concebendo para a elaboração de novos olhares em torno do que expressa não apenas o trabalho de Antonio Nóbrega na atualidade, mas dos caminhos que se configuram em torno do próprio movimento.

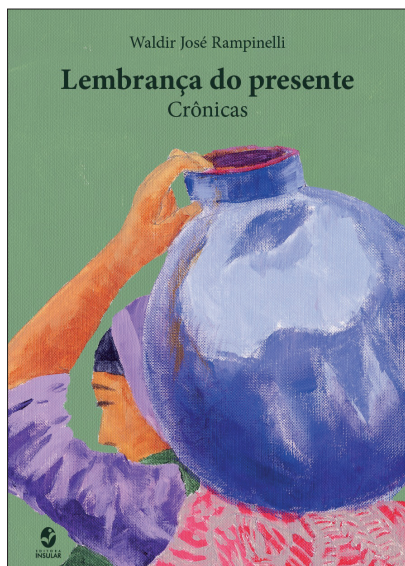
Capítulo 1



Movimento armorial: história, poética e política

O ano de 1970 reservou momentos marcantes para a história do Brasil. Se na política o país vivia um período de tensão diante da atuação inflexível da censura e repressão do governo do General Emílio Garrastazu Médici passados seis anos do golpe militar, o plano econômico seguia quatro diretrizes básicas diante da ação dos governos militares: criar e assegurar condições para um crescimento econômico acelerado; como lidar o sistema capitalista no país; intensificar a integração da economia brasileira no sistema capitalista internacional; e, como consequência, transformar o país numa potência mundial, retirando-o da condição de subdesenvolvido e projetando-o internacionalmente.

Lembrança do presente



Livro de crônicas com ilustrações nas aberturas de capítulos. O trabalho foi construído em constante diálogo entre autor, editor, ilustrador e designer. Com muitas imagens coloridas e uma mancha de texto bem arejada, a leitura é fluída e o livro é bem atraente.



Dia dos Mortos

A festa começa quinze dias antes. Os primeiros sinais aparecem nas padarias, com o pão dos mortos e as caveiras de açúcar. Quem pode compra de chocolate. Logo se montam os altares – ou oferendas, como eram chamados no passado indígena –, com fotos dos entes queridos e de suas comidas e bebidas preferidas. Afinal, eles estão por chegar. Imagens de líderes nacionais populares, como Pancho Villa, Emiliano Zapata ou Francisco I. Madero, costumam aparecer. Cada um escolhe de acordo com sua visão política.

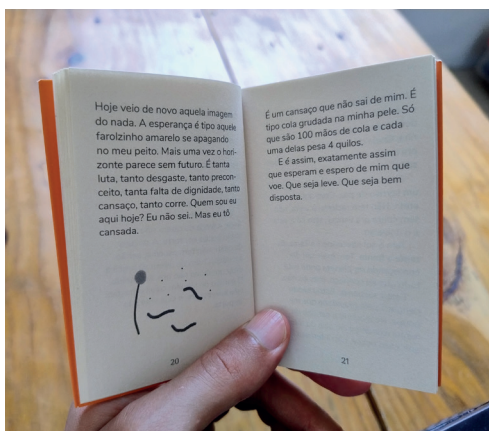
Nas escolas públicas, não apenas se fazem as oferendas como também se aproveita a ocasião para, com certa picaresca, criticar a quem se foi e não preparava bem sua aula ou faltava a ela com frequência. O contrário igualmente acontece. Os estudantes não costumam perder a viagem dando um recado aos vivos.

As diferenças de classes são evidentes no luxo dos altares. Alguns deles perdem a tradição e viram local de visitação, ostentando poder, glória e riqueza. São mortos que nunca morrem.

Santa Maria de Tonanilita é um povoado pobre, humilde, simplório, com poucas casas de madeira, cujas tábuas estão enegrecidas pela poeira preta até a altura das janelas. Em frente à igreja, se esparrama um gramado malcuidado, com buracos por toda a extensão. Nele pastam animais dos moradores. As pessoas vivem de pequenos negócios e de uma agricultura de subsistência. O milho é seu principal produto.

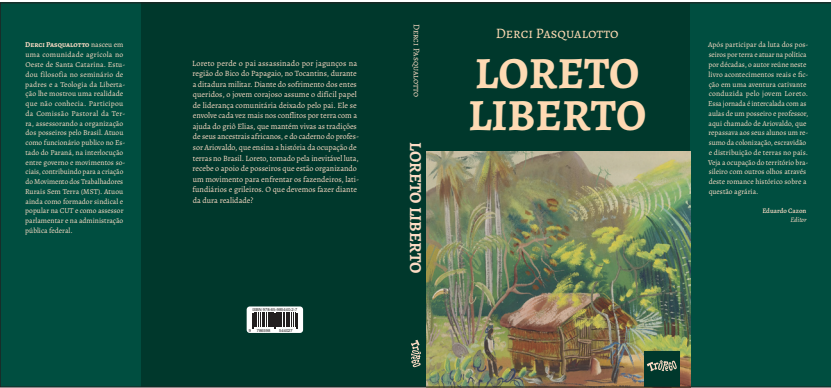
A viagem de Nyota

Este também é um livro de crônicas, porém com um propósito especial: é um livro amuleto. Ele narra o fim do dia de uma artista negra cansada das relações raciais e que parte em uma viagem pessoal. O livro é um objeto de proteção pensado para ser carregado consigo, seja fisicamente ou em memória.



Loreto liberto

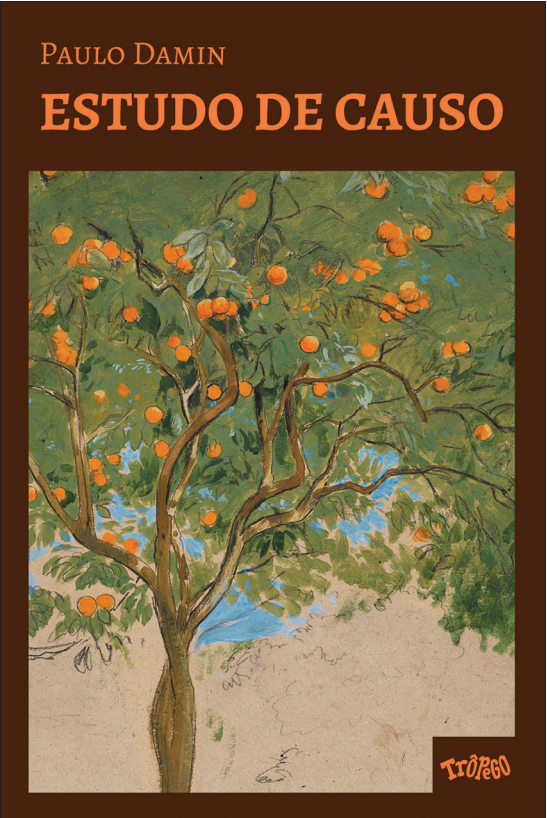
Nesta ficção histórica sobre reforma agrária, a escolha do formato 16 x 23 cm, com margens estreitas e abertura de capítulos em sequência foram pensadas para reduzir o número de páginas.



para te dar o recado que você recebeu. Toda a região vive uma forte tensão pela posse da terra, com muitas expulsões, queima de casas e assassinatos de posseiros. Você teve sorte, apenas te ameaçaram, podiam ter feito algo mais grave, como te sequestrar. Ninguém passa desperçado na região dos maiores conflitos de terra. Principalmente quando você vai a um posto telefônico e fala abertamente sobre posseiros. O controle do regime militar é rápido e eficiente. Em cinco minutos, cercaram o posto telefônico para te dar o recado necessário. Serra Pelada mostrou a Loreto o tamanho da miséria que os posseiros viviam: pobreza, fome, morte, crianças abandonadas, desrespeito a qualquer direito. O telefonema de Porto Nacional revelou outra dimensão da vida brasileira, que Loreto não sabia e não tinha ideia de seu alcance repressivo: a ditadura militar. A grilagem de terras, a violência que ela provocou e ainda provoca mostra, por um lado, os posseiros sendo manipulados, perseguidos, expropriados de suas terras e sendo mortos com a maior naturalidade, como se a vida não tivesse nenhum valor. Por outro lado, mostra que o capital (dinheiro e poder) tem mais valor que a pessoa humana, seu trabalho e seu sofrimento. Revela mais que isso: que o Estado brasileiro e seus governos, através da ação de funcionários públicos federais, estaduais e municipais, militares, forças policiais e donos de cartório agiam para proteger os grileiros, que tiram a vida dos posseiros. Todos eles eram acobertados por um governo de repressão, comandado pela ditadura militar. Grileiros, políticos administradores, forças policiais agiam com naturalidade – como se isso fosse o curso normal da vida e da sociedade – sem temer qualquer tipo de controle por parte das leis e da justiça. O Estado brasileiro sob o regime militar passou a fortalecer a grilagem, criando leis para garantir que as terras devolutas tivessem como prioridade os projetos de colonização, as concessões de terras para o estabelecimento de grandes empreendimentos rurais ou para atender os interesses dos poderosos. Para isso valia tudo: falsificações de documentos nos cartórios, violência, assassinatos e expulsão com a cobertura das autoridades, impedindo ou dificultando a regularização fundiária que atendesse às necessidades dos posseiros ou dos pobres sem-terra. Loreto passou a entender, igualmente, o que significava a “segurança nacional”, sempre evocada pelos militares que trabalhavam no GE-TAT, quando se tratava dos posseiros. Segurança nacional queria dizer	que cabia ao governo dizer como as terras podiam ser distribuídas e para quem. Cabia ao governo manter a ordem. Lutar para manter suas posses ou querer uma regularização (uma titulação) das terras ocupadas pelos posseiros era crime. Em nome da segurança nacional, as terras ocupadas por famílias de posseiros podiam ser transformadas em capim para os bois dos fazendeiros ou ganho fácil para os grileiros. Pela segurança nacional, os posseiros foram transformados em invasores; portanto, passíveis de serem expulsos e ficarem sem ter como sustentar suas famílias, inde buscar no garimpo a sua sustentação. Segurança nacional era o estado autoritário e repressor, que protegia os poderosos e discriminava, prendia e, se preciso fosse, matava os pobres que lutavam por seus direitos. Mas Loreto e seu povo, que passaram por pressões, expulsões, queima de suas casas, morte de seus líderes, desrespeito por parte das autoridades, começaram a perceber que, se não resistissem e lutassem, se acabariam todos. Nascia do desespero, da dominação e da destruição a esperança de que precisavam ter força para resistir e buscar uma mudança que lhes permitisse trabalhar e viver de forma livre. CAPÍTULO 32 Os povoados distantes Loreto despediu-se de Cristina, antes dela sair para a escola, pois partiria para Xambioá. Passaria na casa dos pais de Cristina e lá aguardaria a chegada do professor Arivaldo, com o qual acordara quando de sua estada em Porto Nacional. Nos quinze dias seguintes, visitariam povoados nos municípios de Xambioá e de Ananás. Depois, povoados dos municípios de Arixá, Araguaína e Augustinópolis. Padre Josué e seu Severino, pai de Cristina e presidente da associação de moradores em Xambioá, já tinham feito contato com algumas pessoas de cada povoado, preparando a ida da comissão formada por Loreto, Arivaldo e Severino. A chegada do professor se deu na data combinada e, no dia seguinte, partiram para o primeiro povoado, onde Severino tinha algumas famílias aparentadas. Lá, durante dois dias visitaram várias casas e conversaram sobre as ameaças feitas por um fazendeiro, que dizia que as terras eram suas. Ao mesmo tempo, relataram suas histórias de
--	---

Estudo de causo

Aqui temos uma mistura entre linguística e literatura. Uma obra que pode ser lida como trabalho de pesquisa, livro de crônica ou romance, dependendo de como o leitor escolhe ler. Os capítulos são causos contados pelo personagem principal com notas de rodapé, escritas por um estudante de Letras em diálogo com sua orientadora, que analisam a variação linguística do entrevistado e o sotaque gaúcho.



ESTUDO DE CAUSO

Prefácio

Esta é uma obra de ficção, resultado de uma pesquisa de campo que eu fiz em 2003, na localidade de Nossa Senhora das Graças, em Caxias do Sul, RS. São causos que eu gravei e depois transcrevi. Outras informações e explicações estão em notas de rodapé. O estudo pode ser lido como um trabalho de linguística, um livro de contos e, quem sabe, um romance, dependendo do caminho de leitura escolhido (por exemplo, o leitor e a leitora podem decidir ler ou não as notas de rodapé do jovem pesquisador).

Agradeço o Treze, por ter participado da pesquisa, e a cara orientadora, que acolheu o caráter literário que meu trabalho em linguística acabou tomando graças ao entrevistado.

Espero que este livro possa contribuir para uma melhor aproximação da linguística com a literatura e vice-versa.

Antes aqui era o prefácio da primeira edição, de 2003, que assinou com meu nome acadêmico. Foram cinquenta exemplares, vendidos todos no lançamento. Dez anos depois, surgiu a oportunidade de republicar este livro graças a um amigo editor.

Além do interesse natural pelo personagem e a temática do dialeto, eu sei, a especificidade linguística de uma pessoa, lembrei agora que a vontade de escrever esse livro surgiu também porque eu mesmo tinha lido obras literárias que trabalhavam a partir da investigação linguística. Por exemplo, o *Grande Sertão: Veredas* – que achei um exagero – e *A língua de Fulgê* – que prefiro não comentar. Eu pensei: vou

7

ESTUDO DE CAUSO

Vandalino, mas pode me chamar de Treze

Você que vai ajudar o comércio o gurião?

Treze porque tinha lá a letreia esportiva, sabe, que se você tivesse treze pontos você ganhava uma bolada. E assim, não adianta você nem sente (ela virou na vida, e a gente nunca sabe direito o que fazer com ela). Daí lá viu tudo mundo começou me chamar de Treze, lá em São Pedro. Um mineirinho que treze sorte... As guriças ficaram curtiças, pensaram aí, que será que é Treze? Bobagem sempre pega, né. Um chamamento dease é só pra você não esquecer nunca do azar que você tem.

FENST: um pai abobado que garbava na loreca. Que que você acha que eu fiz com o diabinho? Foi pra consolar. Não, só que primeiro eu comprei um lote lá pro pai e quatro pros meus irmãos, pra cada um deles eu ajuntar alguma coisa, num terreno próprio. Daí eu me debaidei pro chinareiro. Só viuque, champagne, tudo que a mãe queria eu pagava. Nunca tive tanto amigo como que nem naquele tempo. Me diga se tem jeito de se reaproveitar mais do que você viver no porreão? Não existe. Eu dormia cada noite com uma diferença. Se chegava uma nova, eu tinha prioridade. Mas eu era a REU DOIS ANOS eu fiquei morando lá. Só no vácuinho, cigano de ilico, carne e vóci sabe.

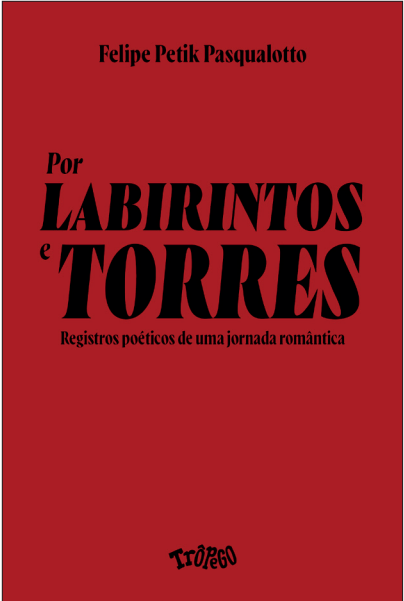
Vin em quando dava um entrevistador fui lá. Pareceu não é fácil, tudo os dia vira cherna. Os home bebe e perde a cabe-

1. Cara orientadora, preciso transcrever fielmente essas falas de fulô, mas tipo, alguma coisa com o português pra não ficar tão estranho. Mas de certeza, e que nos interessa aqui é a variação de, que está desenvolvendo durante, quem, quem, quem. Nas notas seguintes, trago mais contextualização e observações pessoais.

9

Por labirintos e torres

Livro de autoescrita gay com reflexões sobre as relações pessoais e o olhar romântico para a vida. O livro possui uma experimentação com diferentes formatos de textos, como: versos, prosa, ensaio, carta, manifesto e formulário.



“Experimentar um corpo significa estar em constante trânsito, em constante movimento entre distintas possibilidades de ser.”

PAUL PRECIADO

Formulário Oficial de Encerramento de Relacionamento

1. Identificação das Partes Envolvidas
Nome da Primeira Parte: _____
Nome da Segunda Parte: _____

2. Propósito da Comunicação
A presente comunicação visa formalizar o início de um processo de encerramento do relacionamento, ressaltando que a comunicação ora estabelecida é considerada mais carinhosa e sincera em comparação à quaisquer contatos anteriores.

3. Histórico do Relacionamento
Eventos e Debates Recentes: Fatos e razões previamente discutidos foram reconsiderados, resultando em uma comunicação mais clara e renovada.
Mudança de Perspectiva: A Primeira Parte desistiu de utilizar argumentos contundentes e frases impactantes, reconhecendo que tal abordagem pode ter sido prejudicial.

4. Reflexões Pessoais
Autocrítica: A Primeira Parte admite comportamentos considerados inconvenientes, reconhecendo uma possível perda da noção da força das próprias palavras.
Impacto Emocional: A Primeira Parte assume que seus caprichos pessoais podem ter causado impacto significativo na Segunda Parte.

5. Evolução Pessoal
Descoberta Pessoal: a primeira Parte relata ter iniciado um processo de autodescoberta e aceitação das histórias como

29

Vida, tudo sonho

Livro compilando várias poesia que o autor escreveu ao longo dos anos. Neste projeto eu fiz capa, miolo e ilustrações. Como a obra fala de temas amplos (*vida e sonho*), escolhi uma linguagem visual abstrata e por se tratar de textos escritos sem pretensão de serem publicados, escolhi o lápis aqua-relável para trazer a manualidade, os borrões e as manchas de um processo de exploração criativa.



ACEITAÇÃO

Sei que a vida é vasta
E não basta viver apenas
Sem poema, sem cinema
Sem mais nem menos
Sei também que a vida
Pode ser pequena
E é pena pra quem vive
Ausente de instante
Porque nunca satisfeita
Porque nunca aceita
O que se apresenta
Então a vida é uma
Constante contenda
Entre o que se vive
E o que se inventa

Não adianta só ficar
Fazendo birra com o passado
Não adianta brigar com a vida
Ir adiante é o que importa
No encontro ou na despedida



Boa noite, seu Tavares



Um diário escrito pela filha que cuidou do pai com Alzheimer. Cada texto possui um título e uma data. O personagem principal, seu Tavares, representei na capa desenhando com lápis grafite através da técnica de rotosopia. Por ser torcedor do Avaí Futebol Clube, a capa tinha que ser azul, é claro!

arrastando. Tive de usar todas as artes e sortilégios para fazê-lo voltar. Voltou emburrado e a emenda ficou pior que o soneto. A ânsia por sair agora também aparece durante a noite e, do nada, ele levanta da cama e sai andando no rumo do portão. Se eu tranco a porta é um escândalo, então tenho de deixar sair. Procuro cubri-lo com bastante roupa quente, mas ele vai arrancando tudo. E eu tenho de ir recolhendo e tentando colocar tudo de volta, afinal, as noites são frias. Ele finca o pé no portão e não sai. Eu pego a sombrinha e abro, para tentar evitar o sereno. A cena é louca: na madrugada estrelada, eu com a sombrinha aberta no portão. É um terror digno de Stephen King. E o vírus, é a demência, é a possibilidade de uma gripe qualquer, uma descompensação maior. Tudo é sofrimento. Um poquinho de paz vem de manhã quando Rolando Bol-drin consegue segurar sua atenção. E quando eu também consigo colocar em dia o trabalho, que igualmente me cobra tempo. É uma dureza tentar concentrar depois de todas essas aventuras, sabendo que logo logo elas vão recomear. Nesse turbilhão estou, já quase mergulhada na demência também. Porque lá fora tem Bolsonaro, tem Trump e tem uma gente ruim respaldando a selvageria dos feitores do capital. O pouco de sanidade me vem dos livros, os quais vou sorrendo quando possível, como se fossem pequenos oásis no deserto da solidão. 11 de abril de 2020 118	Os desafios do cuidador Se existe algo que o processo de demência nos ensina é que não há caminho seguro, tampouco estabilidade. Quando a gente pensa que conseguiu encontrar uma forma de lidar com algum aspecto da doença, lá vem outra novidade a nos interpelar, exigindo novas técnicas, novos modos de lidar, tudo outra vez. Com o pai tem sido assim, praticamente a cada dois, três dias um novo problema se apresenta e há que encontrar novas soluções. A novidade agora é com relação ao remédio. Não há como fazê-lo engolir os comprimidos. Simplesmente ele não consegue. Põe na boca, dá o gole de água, mas trava. Não consegue engolir. Imediatamente cospe fora. Alguns, como a Vitamina B, consegui encontrar em gotas, mas o da pressão não tem jeito. Então, a saída é amassar e colocar na comida. Mas, o gosto é ruim e ele logo percebe, então muitas vezes cospe fora também. É uma novela mexicana. Por vezes, para garantir que tome um comprimido eu gasto dois ou três deles. Mesmo as gotas, se ele percebe que eu boto algo no suco, já não toma. Então, é todo um processo de esconde-esconde na cozinha. Na mesma linha do remédio, tem vezes que parece que ele esquece como é que se engole. Põe o café na boca, por exemplo, e fica com as bochechas cheias, olhando para mim, como em desespero para jogar fora. Tenho que correr com o baldinho para ele cuspir tudo. Não há jeito de comer. Não consegui descobrir uma saída para isso. Não sei se é uma evolução da doença ou se é passageiro. Porque passado algum tempo, eu ofereço para ele outra vez o café, o pão ou a comida e ele come. Mas, volta e meia isso acontece. Fico um pouco em pânico, porque não sei o que fazer. Tenho respeitado a vontade dele por enquanto, visto que não é o tempo todo que acontece, mas assusta-me pensar que pode chegar a hora em que ele não vai mais conseguir comer mesmo. 119
--	---

Depoimentos

“Em pouco tempo, após um breve período como estagiário, Eduardo Cazon estava dominando plenamente a arte de publicar livros. Sua incursão pelos originais resultavam em belíssimos produtos textuais, muitos deles com também ilustrações e encantadoras capas de sua autoria. Foram sete anos de intenso e realizador trabalho que deixou mais de 200 livros com sua assinatura. O jovem aprendiz transformou-se num mestre e seguiu seu próprio caminho. É um editor maduro, cuja criatividade e segurança o tornam capaz de entregar um livro especial que eternizará uma obra.”

Nelson Rolim de Moura, editor responsável da Editora Insular

“O que mais gostei do trabalho realizado pelo Cazon na diagramação e montagem das ilustrações do livro *Lembrança do presente* foi a troca de ideias, as sugestões dadas e recebidas e o resultado final: um trabalho excepcional e muito elogiado por quem leu o livro. Inclusive por pessoas que trabalham no mesmo ramo. Trabalhar com o Cazon é simplesmente prazeroso, por ser ele um profissional competente, criativo e sugestivo. Quero também dizer que o Cazon põe a alma no que faz. Isso é tudo.”

Waldir Rampinelli, ex-Diretor Executivo da EdUFSC e professor de história na UFSC

“O Cazon desenvolveu todo o projeto gráfico e editorial do meu livro e demonstrou muita responsabilidade, competência e criatividade. Sempre cordial, aberto a sugestões e comprometido com o propósito de realizar um projeto repleto de significados para mim. Recomendo muito seu trabalho, pela qualidade e cuidado com os detalhes.”

Mary Vonni Meürer, professora de Tipografia na UFSC

“O que eu mais gostei foi que tu entende tudo rápido e bem. E as propostas que tu traz são sempre coerentes com o livro. Além do mais, por gostar de pensar o processo todo, tu não te coloca de modo inseguro, a gente sente que tu é um especialista em livro. Acho que em resumo é isso. Acaba sendo um processo rápido, com foco no que importa, porque não precisamos perder tempo te indicando coisas básicas. Exemplo: se te mandei uma frase em *itálico*, ela deve ficar em *itálico* no livro, né? Tu sabe disso, dá um alívio.”

Paulo Damin, autor de Estudo de caso

“Trabalhei com Eduardo Cazon na diagramação de meu livro. E tudo correu muito bem, pois além de ser um ótimo profissional, dominando as questões técnicas, ele foi atento e solícito com relação às minhas indicações, sempre chegando a um bom termo com relação às soluções sugeridas. Foi uma experiência agradável e produtiva.

Quem contratar seus serviços pode ter certeza que terá um profissional competente e responsável, além de uma pessoa boa e fácil de lidar, o que é fundamental.

Finalizando, como trabalhamos juntos, para mim o processo era tão importante quanto o resultado. Então, fiquei muito contente como tudo aconteceu e também com o produto resultante: o livro ficou muito bom. Só agradecimentos.”

Ralph Viana, autor de Ou vai ou Reich! e Contra a Corrente com Muito Prazer!

“Trabalhar com o Eduardo foi uma experiência muito agradável e valiosa, porque me proporcionou um grande aprendizado. Ele é um profissional muito detalhista e responsável. Apresentou várias dicas de melhoria nos textos, que eu gostei, e foi além, com dicas de impressão e venda do livro. Eu super indico o trabalho dele e já estou preparando um novo livro para enviar pra ele.”

Valmir Cazon, autor de A busca e Frequência da alma

Este livro foi composto com a fonte Alegreya, impresso em papel
offset 90g/m² e publicado pela Trôpego em Março de 2026